

O DOENTE NA PARÓQUIA - PROXIMIDADE E PRESENÇAⁱ

SEMANA DIOCESANA DA SAÚDE ▪ 2022

“Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele.” (Lucas 10:34)

Paróquia: que vizinhança?

A palavra “paróquia” vem do grego “paroikía”, que significa algo como “casa ao lado”, “morada próxima”, “morar perto”. Neste sentido, a comunidade cristã é um espaço geográfico onde os irmãos vivem próximos, vizinhos uns dos outros. Esta geografia de proximidade pode favorecer a ajuda mútua, mas também pode resultar em afastamento ou indiferença de uns em relação aos outros. Isso acontece frequentemente entre vizinhos que moram no mesmo prédio, nem se conhecem.

A paróquia, porém, enquanto realidade eclesial alimenta-se da Palavra e vive (deve) a caridade. Neste sentido, os irmãos, vizinhos uns dos outros, são desafiados a tornarem-se próximos, isto é, a descerem de suas casas e a aproximarem-se humana e espiritualmente dos irmãos mais frágeis, doentes e pobres, à semelhança do bom samaritano que, ao ver um homem caído na estrada por onde seguia, desceu da sua montada, aproximou-se e cuidou dele (cf Lc 10,34). Este movimento de compaixão é um ato de fortaleza, humildade e vontade de alguém que se deixa tocar pela fragilidade e pelo não-ser do seu irmão. A geografia de proximidade é ambígua. Pode proporcionar o encontro ou criar muros invisíveis. A compaixão, pelo contrário, faz sempre da geografia uma ponte de misericórdia na direção do outro em sofrimento, do irmão caído.

Sendo a paróquia um espaço de vizinhança entre irmãos, como torná-los também bons samaritanos? Será que a saúde e a fragilidade, partindo da ideia do cuidar e da necessidade do ser cuidado, poderá ajudar os vizinhos a serem misericordiosos e compassivos, capazes de viver o desafio de Jesus?

O mandato de Jesus e a missão da Igreja

A missão da Igreja no cuidado dos doentes está bem expressa no mandato de Jesus: *«chamando a si os doze discípulos, deu-lhes autoridade sobre os espíritos impuros, para que os expulsassem e curassem toda a espécie de doença e toda a enfermidade»* ... e disse-lhes... *«Íde»*... *«proclamai, dizendo que está próximo o Reino de Deus. Curai os que estão doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demónios»* (Mt 10, 1.6.7-8). Jesus envia os seus discípulos a anunciarem o

Reino e vincula a ação missionária à ação curadora e cuidadora. É isso que encontramos também com Jesus nos evangelhos: anuncia o Reino e cura os doentes.

Curar e cuidar são parte essencial da evangelização: *«Quando entrardes nalguma cidade curai os enfermos que aí houver e dizei: o Reino de Deus chegou até vós»* (Lc 10,8-9). Os discípulos anunciam o Reino e, a partir das curas, a evangelização torna-se credível, poderosa, eficaz, ação libertadora e salvadora. É o homem em sua integralidade -corpo, psíquico e alma- que é curado, liberto, salvo, com esperança na vida e no futuro. O mesmo acontece nos Atos com as curas que os Apóstolos realizam. A cura do coxo que jazia junto à porta formosa do Templo por Pedro e João, por exemplo, permitiu anunciar Jesus Ressuscitado no Templo e os Apóstolos, tendo sido presos e levados ao Sinédrio, acabaram por ser soltos face à evidência do bem feito ao homem coxo.

A Igreja nascente, seguindo Jesus e obedecendo ao seu mandato, dedicou desde o seu início um especial cuidado aos doentes e pobres, vendo neles a predileção de Deus (cf Mt 25,40). A carta de Tiago dá conta da preocupação espiritual pelos doentes. Mas foi nas pestes ou pandemias que a Igreja mais se revelou fiel ao mandato de Jesus nos primeiros séculos. Dá conta Dionísio de Alexandria, numa peste no ano 260, que os pagãos abandonavam os doentes à sua sorte para salvar a própria pele: *«Logo no início da manifestação de doença expulsaram os doentes seus familiares do meio deles e depois fugiram, abandonando-os e arrastando-os para os caminhos antes de falecerem e tratando os corpos não sepultados como lixo, esperando assim evitar a propagação e o*

PERCURSO PASTORAL

- Convidar a comunidade paroquial ou hospitalar, para fazer um percurso pastoral a partir da leitura do texto, meditação, partilha de reflexões e, das consequências práticas, tanto a nível pessoal, como para a ação missionária e organizada do grupo ou do núcleo da pastoral da saúde no território, junto dos doentes mais pobres, solitários e vulneráveis.
- Pode descarregar este e outros subsídios pastorais aqui no [site do Patriarcado](http://saude@patriarcado-lisboa.pt)

contágio da fatal enfermidade»¹. Os cristãos, pelo contrário, permaneciam nas aldeias e cidades onde moravam, cuidando os enfermos e sepultando os mortos, como refere Cipriano de Cartago: «Os que estão bem cuidam dos doentes, os parentes atendem amorosamente os seus familiares como é devido, os avós mostram compaixão pelos seus escravos enfermos, os médicos não abandonam os seus doentes ... estamos aprendendo a não ter medo da morte»². E muitos perderam a própria vida, como refere Dionísio de Alexandria: «A maioria dos nossos irmãos cristãos mostraram um amor e uma lealdade sem limites, sem lastimar-se e pensando nos outros. Sem temer o perigo, tomaram a seu cargo os doentes, atendendo a todas as suas necessidades e servindo-os em Cristo. E com eles partiram desta vida serenamente felizes porque se viram infetados pela peste ... Os melhores dos nossos irmãos perderam a vida desta maneira, um bom número de presbíteros, diáconos e leigos chegaram à conclusão de que a morte desta maneira, como resultado de uma grande piedade e de uma fé forte, se parece em tudo semelhante ao martírio»³.

Com a liberdade religiosa adquirida no início do século IV⁴, a Igreja, por decisão do Concílio de Niceia (AD. 325) criou uma rede hospitalar junto das Catedrais e nos Mosteiros para acolher e cuidar os doentes. Nos séculos XIX e XX muitos dos hospitais da Igreja foram nacionalizados pelo Estado. A saúde tornou-se um direito do cidadão e o Estado passou a ocupar-se da saúde. Não podemos esquecer, porém, o património humano e espiritual da Igreja ao longo de dois mil anos no cuidado pelos doentes.

Ontem como hoje o mandato de Jesus de evangelizar e curar os doentes interpela a Igreja e desafia-a a sonhar de novo e a dar rosto à caridade na solicitude pelos doentes. No tempo presente, há ainda organizações e Instituições da Igreja -Misericórdias, Ordens Hospitaleiras, Fraternidades e Irmandades- que prestam cuidados de saúde à população em que os mais frágeis e pobres são beneficiados, nomeadamente nas valências de saúde mental, cuidados paliativos e cuidados continuados. É imenso também o número de cristãos que, como profissionais da saúde, participam do ministério terapêutico de Jesus, curando e cuidando, em hospitais do Serviço Nacional de Saúde e privados. É-lhes devido o reconhecimento e o apoio humano e espiritual da Pastoral da Saúde.

O mandato de Jesus, hoje, desafia particularmente as paróquias a sonhar de novo, como no início da Igreja, que a saúde e o sofrimento são lugares de missão pelo testemunho. A caridade na solicitude pelos doentes e suas famílias, como nos Evangelhos e nos Actos dos Apóstolos, dará credibilidade e fecundidade ao testemunho da Boa Nova de Jesus Ressuscitado na paróquia.

¹ In C. VIDAL. *El legado del cristianismo en la cultura occidental*. Madrid: Espasa-Calpe, 2000, 92.

² In C. VIDAL. *El legado del cristianismo en la cultura occidental*, 93.

³ In EUSEBIO - *História Eclesiástica*, 7, 22.

⁴ O Édito de Milão, publicado a 13 de Junho de 313, proclamou a liberdade religiosa no Imperio.

Proximidade, com misericórdia

Cuidar dos doentes na paróquia implica que a mesma, através dos seus fiéis, se deixe impregnar pelo Espírito de Jesus, o Bom Samaritano. Para isso é necessário que a mesma se faça próxima do doente e sua família, procurando conhecê-lo com respeito, delicadeza e amor e ao seu contexto para o servir e acompanhar e aliviar dentro do possível os cuidadores. A Paróquia é chamada, portanto, a ser expressão duma qualidade de Deus que é a misericórdia: “*Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso.*” Lc 6,36. Ele chama-nos a ser expressão do seu amor dedicado, que cura, que alimenta: uma atitude materna, cheia de compaixão e ternura. Essa é a misericórdia de Deus, que se dirige pessoalmente a cada criatura humana com todas as suas fragilidades.

Sendo a Paróquia uma comunidade constituída por filhos adotivos de Deus, os seus membros devem assemelhar-se a Deus naquilo que o caracteriza: amor, acolhimento, cuidado pelo próximo. Esta proximidade não é somente solidariedade, mas é sobretudo misericórdia. Como o Papa Francisco disse na Mensagem para o XXX Dia Mundial do Doente deste ano de 2022, «*A misericórdia é por excelência, o nome de Deus, que expressa a sua natureza não como sentimento ocasional, mas como força presente em tudo o que Ele faz*». Comunidades misericordiosas e atentas ao doente são a expressão do que é a Igreja como Corpo de Cristo. Mas para que tal aconteça é necessário cultivar junto dos voluntários e na comunidade em geral a vida espiritual e fazer de forma continua uma formação humana que tenha em vista cuidar do doente no respeito pelas suas necessidades e anseios específicos.

Presença que gera o sentimento de ser amado

No Evangelho de São Mateus, no capítulo 25, Jesus identifica-se com os doentes ao dizer: «*em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes*» Mt. 25,40. A presença junto do doente para o acompanhar é expressão da presença amorosa de Deus. Podemos falar de sacramento da presença. Aqueles que estão numa situação de vulnerabilidade física, psicológica e espiritual necessitam de sentir o conforto interior de Jesus e isso acontece através de uma presença humana e acolhedora. Esta presença compassiva que escuta e respeita faz o doente sentir-se amado. Mais, gera nele esperança e confiança no futuro porque o seu estado de fragilidade, gerado pela doença, passa a ser habitado por um Amor maior, Amor este que assume carregar com

o peso da própria doença: «*Vinde a mim, todos vós que andais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve*» Mt 11, 28-30.

Paróquia, hospedaria do doente

A paróquia é o lugar do doente, sua hospedaria. Deve interessar-se por ele e pelos cuidados que lhe são prestados, seja pela indicação à Capelania do Hospital da sua necessidade de acompanhamento humano e espiritual, seja depois, no regresso a casa, organizando o acompanhamento humano e espiritual pelos grupos da pastoral da saúde. O doente deve estar na preocupação da pastoral na paróquia, procurando que o mesmo possa ser visitado não só por sacerdote para lhe trazer os sacramentos da Igreja (Unção dos doentes, Eucaristia, Reconciliação), mas também pelos grupos da Pastoral da Saúde através da visita, do acompanhamento humano e espiritual, da oração, da bênção, da leitura da Palavra de Deus, bem como outros grupos, por exemplo, pelas crianças da catequese, os adolescentes ou os jovens. Como são grupos criativos e festivos, podem visitá-lo no Natal, na Páscoa ou quando faz anos. Podem visitar sobretudo os mais idosos, os mais pobres e os que estão sós, podendo adoptá-los como avós ou tios. Na paróquia, especialmente na liturgia, o doente deve ter um lugar cativo. Pode ser através da celebração da Unção na missa da comunidade se vai ser internado e pode deslocar-se à igreja; pode ser através da oração por ele e pela família; pode ser pela comunicação de notícias ou exortando os irmãos a que o tenham presente na oração pessoal. Pode ser ainda, tendo-se dado a recuperação e/ou o regresso a casa, pela celebração de acção de graças.

Pastoral da saúde, organização e previsibilidade

O doente é um dos mais frágeis da comunidade e por isso deve experimentar a misericórdia de Deus pela presença dos irmãos. Mas isso deve acontecer de forma organizada, previsível e com respeito pela privacidade do doente e da família. É oportuno, por isso, que a Paróquia tenha uma Pastoral da Saúde organizada e coordenada para acolher as informações sobre os doentes, verificar quais são as suas necessidades e atribuir a responsabilidade da visita ao missionário da caridade mais capaz de corresponder às necessidades do doente. Deve também estar atenta às necessidades da família do doente ou aos seus cuidadores informais. Quando o doente é internado, a Pastoral da Saúde pode fazer a ponte com a Capelania, sinalizando-o para que seja acompanhado ao nível humano e espiritual, podendo ainda fazer a ponte com as equipas

dos profissionais de saúde que fazem apoio domiciliário. Na comunidade, ninguém deve ser esquecido ou marginalizado, devendo ser respeitados aqueles que querem permanecer no anonimato, bem como aqueles que recusam o acompanhamento da comunidade. Como o Papa afirma na Sua Mensagem para o Dia do Doente *«a pior discriminação sofrida pelos pobres – e os doentes são pobres de saúde – é a falta dos cuidados espirituais, não podemos exonerar-nos de lhes oferecer a proximidade de Deus, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta dum caminho de crescimento amadurecimento na fé»* na paróquia ou no Hospital. Não se pode desenvolver uma comunidade fiel a Jesus Cristo se ignorarmos precisamente os homens e mulheres a quem Jesus se dedicou com uma atenção preferencial.

Por uma pastoral da vida

O objetivo fundamental da Pastoral da Saúde é criar paróquias mais sãs e sanadoras. Neste sentido, a Pastoral da Saúde terá como preocupação a colocação do doente no centro dos seus cuidados pastorais, sobretudo os mais graves e terminais, mas preocupar-se-á também em promover uma pastoral da vida, dirigindo a sua ação para a promoção de uma qualidade de vida para os doentes crónicos, os idosos e os deficientes físicos, sensoriais ou psíquicos, esquecidos, depressivos abandonados, entre outros.

Unção, sacramento de vida

Na expressão de Jesus: «Eu vim para que tenham Vida e a tenham em abundância» (Jo 10, 10) vem expresso que através Dele, e pelo Seu Corpo que é a Igreja, podemos receber uma vida plena já aqui e que continuará para sempre na eternidade. Mas para isso é preciso entrar por Ele, que é a porta, voltar a Ele cada dia, viver na sua intimidade, escutar a Sua voz, receber a sua Graça através dos Sacramentos, assim O vamos conhecendo e percebendo o que **Ele** quer de cada um, em cada momento da nossa vida, experimentando a Sua Misericórdia infinita. Como nos diz S. Paulo: «Nele tudo posso» (Fil 4, 13). Aqui se insere o Sacramento da Unção dos Doentes, que é um sacramento de Cura e de Conforto, onde o doente unido a Jesus pode experimentar a fortaleza interior para entregar a Sua Vida nas mãos de Deus e integrar a doença como momento de cultivar com serenidade as virtudes da humildades e paciência, deixando-se cuidar pelo próximo. Assim deve-se procurar ultrapassar a ideia do Sacramento da Unção dos Doentes como «Extrema-Unção», já que este Sacramento é um sacramento de vida, onde se recebe a Graça para com serenidade interior aceitar a doença como momento de encontro com misericórdia de Deus e daqueles que cuidam do doente

Cuidar dos cuidadores

Na missão de se cuidar e se fazer próximo dos doentes não pode a paróquia esquecer dos cuidadores dos doentes, que tantas vezes dão a sua vida pelo cuidado de proximidade dos seus doentes. Também a paróquia é chamada apoiar os cuidadores, procurando que os mesmos possam sentir um suporte humano e espiritual da parte dos fiéis que habitam a paróquia, à maneira do Cireneu que ajudou Cristo a levar a Cruz ou da Virgem Maria que se fez próximo de Cristo no momento da sua paixão.

Para terminar

Queria terminar com uma interpelação do Papa Francisco na Mensagem para o XXX Dia Mundial do Doente deste ano de 2022. O Papa afirmou que «Quando uma pessoa experimenta na própria carne fragilidade e sofrimento por causa da doença, também o seu coração se sente acabrunhado, cresce o medo, multiplicam-se as dívidas, torna-se mais importante a questão sobre o sentido de tudo o que está acontecer» e por isso é importante nesses momentos que a Paróquia se transforme em morada de proximidade e cuidado, que se torne «testemunha da caridade de Deus, que a exemplo de Jesus, misericórdia do Pai, derrama sobre as feridas do enfermo o óleo da consolação e vinho da esperança». E o Papa conclui: «o ministério da consolação é tarefa de todo batizado, recordando-se das palavras de Jesus: “Estive doente e visitastes-Me” Mt 25,36». Que as nossas Paróquias aceitem o desafio a serem verdadeiro «Hospital de Campanha» onde o cuidado e proximidade aos doentes seja a sua tarefa prioritária.

Perguntas para reflexão em grupo após a leitura do texto anterior:

- ⊞ De que forma as nossas paróquias têm sido comunidades próximas e presentes no cuidado pelos doentes e seus cuidadores à maneira de Jesus o Bom Samaritano? Que pontos veem como mais importantes a desenvolver para que uma cultura de cuidado e proximidade com os doentes e seus cuidadores?
- ⊞ Existem grupos nas paróquias que fazem este trabalho de cuidado, proximidade e presença aos doentes e seus cuidadores? Caso existam, eles trabalham em rede ou não? Como nós podemos trabalhar em rede para o bem dos doentes e suas famílias, para que as paróquias se

tornem comunidades compassivas. Qual será a importância de se ter uma Pastoral da Saúde organizada nas paróquias?

- ☐ Como é que o doente tem sido tratado pastoralmente nas paróquias e como o podemos pôr no centro dos cuidados pastorais da Paróquia?

ⁱ Padre Fernando Sampaio – Diretor da Pastoral da Saúde e Padre Rui Louro – Capelão do Hospital de Egas Moniz | Pastoral da Saúde do Patriarcado de Lisboa